



AMANDA E O MAR

Icaro Carvalho ⁴⁸**Recebido:** 09/dez/2019**Aceite:** 31/01/2020**DOI:** <https://doi.org/10.29327/2.1373.2.1-10>

No exato momento em que o locutor anunciou o nome de Amanda, ela não conseguia crer no que estava acontecendo. Assim que todos os rostos tornaram para onde ela estava, Amanda se deu conta de que não era um sonho ou alguma alucinação, ela tinha vencido um sorteio pela primeira vez em toda sua vida. A roda girando, diversos nomes enrolados em bolinhas de plástico, as ajudantes demonstrando estarem ansiosas, o locutor gritando palavras desconexas de incentivo. As bolinhas giravam, giravam, giravam dentro do globo, os segundos transformavam-se em horas de ansiedade. Ela viu a bolinha de plástico branca sair de lá, o locutor fez mistério, contou piadas, o tempo estava parado no segundo em que ele abria a sua boca e aproximava o microfone. Amanda, ele anunciou. Amanda, as pessoas em volta gritavam. Ela estava há tempo demasiado revendo a cena mentalmente e tinha esquecido de levantar para buscar o tíquete da viagem. Antes de chegar no palco, um enorme pôster desceu do teto, logo atrás do locutor, com uma gigantesca imagem de uma praia. Amanda nunca tinha ido para uma praia.

Em quatro horas de viagem em um ônibus velho, Amanda teve tempo suficiente de idealizar como seria sentir a areia pela primeira vez, os grãos seriam visíveis? Ou invisíveis a ponto de apenas notarmos quando juntos em quantidades exorbitantes? Fazia isso enquanto olhava para o tíquete da viagem. Ela sequer ouvia a bagunça que tomava conta do ônibus, as outras pessoas da excursão batucavam, cantavam e brincavam.

⁴⁸ Mestrando da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail de contato: icarokc@outlook.com
ORCID <https://orcid.org/0000-0003-0158-9681>



Pareciam mais felizes do que ela, mesmo que a única que estivesse viajando de graça ali fosse ela. O tíquete era azul e continha uma grande imagem de uma praia provavelmente fictícia. Ela admirava aquele cartão feito de um papel de qualidade no mínimo contestável. O nome escrito no verso Amanda. A-M-A-N-D-A assim em letra separada, escrito às pressas por uma das atendentes do sorteio, deixava o bilhete ainda mais bonito. Amanda, que no caso era ela mesma, iria ver a praia. As janelas abertas ao máximo pelos viajantes, a certa altura deixaram com que um cheiro completamente novo entrasse no ônibus. O cheiro tinha gosto e também parecia ter cor. Um tom amarelado, mais para o escuro, uma mistura de água e terra, mas diferente daquele que ela já sentira quando chovia na grama de algum jardim. Era um cheiro novo. Sentiu-se estranha, o cheiro causava incômodo, o ônibus balançava, os colegas de excursão balburdiavam, o cheiro amarelo-escuro, a gritaria, crianças choravam, o ônibus sacudia-se inteiro, o cheiro cada vez ficava mais e mais amarelo. Ficava mais e mais amarelo-forte. Amanda abriu o pacote de lanches e vomitou.

Ao levantar novamente a cabeça, a praia enfim apresentava-se diante dos negros olhos que se surpreenderam, no entanto, para sua surpresa, não com a areia, mas sim o mar. A areia funcionava como um imenso tapete vermelho que leva os convidados para a premiação final. A noite de gala de Amanda havia chegado e seu vestido era um maiô emprestado pela chefe que também tinha feito o favor de liberá-la de trabalhar naquele dia de viagem. Ela teria de voltar no mesmo dia. Ela sentia a incrível sensação de caminhar sob aquela superfície pela primeira vez. Pensou que a areia pudesse não pertencer a este mundo, que fosse algo alienígena, era tão esquisito sentir os grãos por entre os dedos dos pés. Ora fofa, ora dura, tropicava por entre os morrinhos, tinha medo de torcer o pé e acabar com a viagem por ali mesmo. Ela não queria virar a chacota de ninguém e, naquele momento, Amanda queria apenas tocar no mar ou poder guardar numa fotografia aquilo que os seus olhos viam.

Caminhou na areia, sentia o tempo desacelerar conforme os passos, sentia-se uma bolinha de plástico numa roleta de sorteio. Lembrava da cena, como as bolinhas giravam



de modo lento, como os seus passos moviam-se em câmera lenta pela areia, como seria obrigada a deixar a sua cidade pela primeira vez. A bolinha parecia que não seria sorteada nunca, o mar parecia que não chegaria nunca. Como era lindo o mar. Azul. Aquela cor Amanda jamais havia pensado que pudesse existir. As ondas vinham de longe, lá de onde podia-se ver a ilhazinha, vinham, vinham, vinham, chegavam, cresciam, arrebatavam. Um ciclo que não terminava para a visão desacostumada de Amanda. Talvez a mulher estivesse hipnotizada pelas ondas que não paravam de nascer e morrer logo ali diante dos seus olhos. Os pés não mais tocavam a areia fofa que fazia tropeçar, agora tocavam na areia dura levemente úmida regada pela salgada água de minutos em minutos. Que sensação era aquela. Tocar numa areia firme, sentir o gelado da água só de estar próxima. Sentia frio. O sol estava forte, mas mesmo assim o vento que soprava do oceano fazia com que ela tivesse arrepios. Tentava enterrar os pés na areia. Um pé por cima do outro, parecia ter vergonha do mar. A água gelada fazia com que tivesse medo, pensou em voltar, olhou para trás, todos da excursão amontoados na areia, arrumando guarda-sóis, estendendo toalhas. Virou a cabeça para frente e viu a cena mais linda que veria em vida: o barquinho, no fundo do horizonte, lutava para vencer e curvar a ilha. Era um ponto amadeirado no meio da imensidão azul, Amanda sentiu como se quisesse ser aquele barquinho flutuando perdido em alto mar, além das preocupações do arrebatamento das ondas.

A onda pequena da beira chegava aos poucos, Amanda sentia receio, não sabia a força, se seria capaz de derrubá-la ou não. Dessas coisas de mar não sabia nada. Conforme a onda se aproximava, Amanda corria um pouco mais em direção à areia fofa e segura. E assim ela ficou por alguns minutos, fugia da água toda vez que essa se aproximava muito perto de cobrir seus pés. Respirou, sentiu o calor do sol nas suas costas, encorajou-se por inteiro. Um passo, dois e ela enfim estava com os pés mergulhados. Para sua surpresa, o mar afinal não era azul, mas sim transparente. Os pés podiam ser vistos por inteiro pelos olhos atentos. Notava como ficavam pés grandes assim dentro d'água. Um pé fora, pequeno, pé dentro d'água, enorme. Divertia-se mesmo que estivesse passando frio com o vento que tocava os ossinhos dos tornozelos que



estavam molhados, mas não submersos. Riu por minutos olhando a diferença de tamanho dos objetos submersos. Iniciou passos mais corajosos, abria os braços como um equilibrista sobre um precipício. Vista de longe, Amanda também poderia lembrar uma criança dando os primeiros andares. A cada novo centímetro de pele tocado pela água fria, um novo arrepio no corpo. Ela pensava no dia que tinha sentido mais frio na vida e comparava com o momento em que estava, lembrava também da vida, a infância, os poros arrepiados, teve um baque quando notou que a água já havia coberto sua cintura. Amanda olhou para trás, a praia já estava longe.

Amanda mergulha os pulsos, sente cosquinhas, como se os batimentos cardíacos pudessem ser sentidos latejando nas veias quentes que agora mergulhavam na água gelada. O sol sumia na mesma proporção em que ela atrevia-se a ir mais e mais para o fundo. Tropicava por entre as conchas que formavam o fundo do mar, por entre as imperfeições do relevo aquático. O sol desaparecia por inteiro. O corpo está submerso quase por inteiro, exceto pela face e pelos ombros. As ondas nessa profundidade vinham calmas e faziam com que ela tivesse que dar apenas um pulinho para ultrapassá-las sem molhar o rosto. Durava não mais do que um ou dois segundos, mas, durante esse pulo, Amanda sentia que flutuava, sentia-se uma astronauta capaz de salvar a missão espacial indo de pulinhos em pulinhos à torre de comando.

Os banhistas haviam abandonado a água, o tempo havia nublado e a tempestade vinha por detrás da ilha que enfeitava o cartão postal. As pessoas da excursão deram pela falta da mulher, alguns amontoaram-se na beira da praia gritando para que voltasse, que a tempestade já chegava, que o ônibus talvez partisse, um mais atento notou que Amanda estava muito no fundo, a plenos pulmões diziam para que pelo menos viesse um pouco mais para o raso. Ela não viria. Ela não escutava. Sem notar, Amanda havia ficado sozinha na imensidão azul do mar. Era apenas ela e a água salgada que a cercava como num abraço. Ela estava amando aquela sensação de ser abraçada pelo mar. A cor, o som, o gelado da água que antes lhe dava arrepios agora lhe fazem massagem por todo o corpo. Amanda não tinha expectativas de viver na sua existência um momento para poder chamar de melhor momento da sua vida, mas, caso tivesse tal desejo, essa fração



de segundo possivelmente seria a escolhida. Ela lembra da rotina na cidade, lembra da chefe bufando porque havia perdido o sorteio, lembra das colegas rindo, lembra do que lhe falavam todos os dias, lembra de não ter tido um amor, lembra de nunca querer ter tido um amor, sentia saudades do cheiro do travesseiro que roubava do quarto da mãe quando criança.

O mar parecia cantar no seu ouvido uma melodia calma, uma voz leve e um balancear de ondas que tornavam os pulinhos cada vez mais difíceis, o mar parecia dizer que nada iria machucá-la ali. Amanda deixa-se levar, a ilha, a nuvem cinza, os sons, a água que lhe tirava o peso e murchava-lhe os dedos, o sal na sua boca, olhou em volta: não viu nada além de azul, o barquinho já havia sumido, talvez o barquinho agora fosse ela mesma. Amanda caminhou um pouco, sentia os passos lhe faltarem, sentia que o pescoço não podia espichar mais do que já estava. Assim olhando para o céu, via a água tocar no seu queixo, sentia o mar abraçando seu rosto, sentiu cosquinhas no nariz conforme a água se aproximava, deixou-se ter os lábios cobertos pelo mar, Amanda pela primeira vez estava sendo beijada. As orelhas inundadas pela água faziam pressão e um som lindo, sentia-se parte de tudo aquilo, sentia que vivera todos esses anos para que pudesse reconhecer-se nesse momento. Não queria voltar para o ônibus, para a vida de antes, ela só queria voltar para o mar mesmo que ainda estivesse nele, queria sentir o mar por todos os segundos de sua vida. Quando não viu mais forma de sair dali, fechou os olhos e deixou com que o rosto caísse para dentro da água. O mar assim quando te abraça, parece que nunca mais vai te soltar, e ele não mais soltou Amanda.